

O TRADUTOR IDEAL

Pedro Alves de Oliveira Brito¹

RESUMO

A arte da tradução, distante de seu legado, ainda se nega a se desvencilhar do estigma sob o qual ela está inserida, e a discussão em torno da originalidade na atividade tradutória ainda segue como pauta de inúmeras controvérsias. Tal quadro implica, invariavelmente, na pouca visibilidade do trabalho do tradutor. Com base nessas considerações, o trabalho apresenta, através do cotejo de alguns ensaios presentes em *The translation studies reader*, de Lawrence Venuti, a introdução do conceito de otradutor idealö, que é uma amálgama criada a partir das teorias de Umberto Eco, Shoshana Blum-Kulka e Ernst-August Gutt, que propõem, respectivamente, um öleitor modeloö, um öleitor idealö, e um öreceptor idealö. Dessa forma, no intuito de problematizar a relação entre autoria e tradução, o trabalho organiza um estudo sistêmico com base no cotejo dos ensaios e no desenvolvimento do conceito, em seguida apresentando suas conclusões acerca do tema.

Palavras-chave: *Estudos da tradução; Leitor modelo; Autoria e interpretação; Tradutor ideal.*

INTRODUÇÃO

A arte da tradução, distante de seu legado, ainda se nega a se desvencilhar do estigma sob o qual ela está inserida. Envolta em extensa gama de preconceitos, continua sendo perpetrada uma prática invisível ó segundo Lawrence Venuti ó, inescapavelmente presente, mas raramente reconhecida. De acordo com o teórico, öesse eclipse do trabalho do tradutor, do próprio ato de traduzir e sua mediação decisiva da escrita estrangeira, é palco de múltiplas determinações e efeitos ó linguísticos, culturais, institucionais, políticosö (1992, p. 1). Dentre estas determinações, por exemplo, está o conceito de boa tradução e, dentre estes efeitos, identifica-se, diretamente interligada, a inevitável avaliação de traduções em termos de certo ou errado, a partir da comparação com as obras originais (HEYLEN, 1957).

Tal fato implica, invariavelmente, na pouca visibilidade do trabalho do tradutor. De acordo com Britto (2012, p. 12), öde modo geral, os leigos ó inclusive as pessoas que leem regularmente, e que leem muitas traduções ó não costumam pensar sobre a

¹ Graduado em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Viçosa. Mestre em Letras (Estudos da linguagem) pela Universidade Federal de Ouro Preto. Atua como tradutor freelancer Inglês/Português e Português/Inglês desde 2006. shirley.carreira@uniabeu.edu.br

natureza da tarefa de traduzir uma obra. Ignora-se, destarte, a relação entre autoria e tradução, tratada, por exemplo, por Mittmann, que discute a figura do tradutor sob uma ótica autoral, ou, ainda, o lugar que o tradutor ocupa na relação sobre a produção, podendo se tornar quicá coautor do texto de chegada. Segundo ela, o processo tradutório revela que as bordas dos textos são ilusórias, pois as fendas se mostram a cada trecho a ser traduzido, explicado, ou mesmo silenciado (2008, p. 1).

Estes fatores acabam conduzindo os teóricos a um denominador comum: a impossibilidade ou a inferioridade da tradução. Valéry, por exemplo, classifica a qualidade do texto poético como sendo inversamente proporcional à sua traduzibilidade: quanto mais resistente for o texto aparentemente poético ao ataque de qualquer transformação formal, maior será o seu grau de poesia².

À luz dessas considerações, no intuito de verificar a interpretatividade na tradução a partir da argumentação de Venuti, este trabalho coteja os ensaios de Ernst-August Gutt, *Translation as interlingual interpretive use*, Shoshana Blum-Kulka, *Shifts of cohesion and coherence in translation*, Umberto Eco, *Os limites da interpretação*, Ian Mason, *Text parameters in translation: transitivity and institutional cultures*, Gayatri Spivak, *The politics of translation*, e Keith Harvey, *Translating camp talk: gay identities and cultural transfer*. Muito embora não se pretenda definitivo, o trabalho tenciona discutir algumas questões acerca da prática tradutória, além de aferir a relação entre autoria e tradução.

Para que os tópicos propostos possam ser analisados adequadamente, é necessário fazer certas concessões quando das categorizações apresentadas pelos teóricos a respeito de alguns conceitos. Dentre estes, o mais relevante para este ensaio é o conceito de leitor. Nos moldes dos pressupostos teóricos que dão suporte a esse estudo crítico, deve se levar em conta que o tradutor, antes de qualquer coisa, pode ser identificado como o leitor de um texto, e será, portanto, tratado como tal.

A TRADUÇÃO COMO ATIVIDADE INTERPRETATIVA

É de extrema relevância ressaltar que os teóricos, de modo geral, reconhecem a interpretatividade na tradução o mesmo que parcialmente. Tal posicionamento pode ser percebido desde 1680, ano em que John Dryden tornou pública sua tradução de **Heroides**. No prefácio da obra, o poeta admite três modalidades tradutórias distintas:

Primeiro, a metáfrase, ou verter um autor palavra por palavra, e linha por linha, de uma língua para outra. [...] A segunda modalidade é a paráfrase, ou tradução com latitude, onde o autor é levado em consideração pelo tradutor, nunca perdendo esse posto, mas suas palavras não são seguidas de modo tão estrito quanto o de seu sentido;

² Citado pelo poeta e tradutor inglês Donald Davie numa conferência apresentada para os alunos do Programa de Mestrado em Teoria e Prática da Tradução Literária, Universidade de Essex, Colchester, Inglaterra, no ano letivo de 1967-68; texto mimeografado (ARROJO, 2007, p. 26).

e se admite também que esse seja amplificado, mas nunca alterado. [...] A terceira modalidade é a imitação, onde o tradutor (se ele ainda não perdeu esse nome) assume a liberdade, não apenas de variar palavras e sentido, mas de abandonar ambos se ele achar pertinente; e pegar apenas alguns detalhes do original (DRYDEN, 1992, p. 17).

Transportando a discussão a um passado recente, percebe-se que a posição de Gutt (2000), por exemplo, é bem clara: à luz da teoria da relevância, o pesquisador defende uma abordagem interpretativa da tradução. Se, no caso, o tradutor funcionaria como intérprete da obra. Para ele, quanto menor o esforço interpretativo do receptor, maior será o efeito contextual da tradução em termos de efetividade. Gutt (2000, p. 306) ainda diz que o princípio da relevância restringe excessivamente a tradução no que diz respeito ao que se pretende transmitir e como isso é expresso, donde se abstrai que, em se aplicando a teoria da relevância à tradução, o receptor irá realizar inferências, ou seja, cálculos aproximativos de significados, que são determinados pelo contexto.

A opinião de Gutt é compartilhada, ainda que em parte, por Blum-Kulka, que usa uma teoria discursiva para abordar conceitos ligados à prática tradutória, a partir de uma perspectiva linguística e pragmática. Segundo ela, as alterações de coerência baseadas no leitor estão ligadas, até certo ponto, ao sistema normativo prevalente dentro do qual o tradutor opera (2000, p. 306), ponto que permanece paralelo ao princípio da questão discursiva, que categoriza todo e qualquer ato comunicativo como sendo passivo de interpretação.

Já para Mason (2004), o processo tradutório não é puramente interpretativo. Além de traçar uma proporcionalidade direta entre o grau de correção de uma tradução e sua literalidade, ele reconhece a existência de colagens em traduções, principalmente quando há semelhanças sintáticas entre o par de línguas. Não obstante, cumpre ser ressaltado que o ensaísta considera essa prática como o menor denominador comum da tradução.

Destarte, conclui-se que a tradução é uma atividade de retextualização. Eco (2007, p. 190), por exemplo, reconhece tratar-se hoje em dia de ideia aceita que uma tradução não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas. E isso culmina, de fato, no envelhecimento das traduções. Segundo o próprio Eco,

[...] o inglês de Shakespeare permanece sempre o mesmo, mas o italiano das traduções shakespearianas de um século atrás denuncia a própria idade. Isso significa que os tradutores, mesmo quando não tinham a intenção, mesmo quando tentavam restituir o sabor da língua e do período histórico de origem na realidade modernizavam de alguma forma o original (IBID., p. 201).

O crítico piemontês ainda oferece como argumento que, de um ponto de vista hermenêutico, a interpretação tem por finalidade buscar o que o autor queria realmente

dizer, ou então o que o Ser diz através da linguagem, sem, contudo, admitir que a palavra do Ser possa ser definida com base nas pulsões do destinatário (2008, p. 7).

À luz dessas considerações, Carvalhal (2003, p. 246) infere: "Fica claro então que uma tradução pode alterar o texto original sob influência do contexto da literatura de chegada". Venuti (2002, p. 115) vai além, ao considerar que a tradução possui uma autonomia relativa em relação ao texto estrangeiro, é um ato de criação da forma e, portanto, existe como um objeto independente do trabalho subjacente no qual está baseado.

O LEITOR MODELO

Como tratado na introdução, para que se possa cotejar os textos à luz das questões preestabelecidas, uma tradução intralexical do termo "leitor" se faz necessária. A partir disso, identifica-se a relação entre a teoria e a questão proposta: Umberto Eco, em sua instância, formula uma imagem do próprio leitor ideal ou "leitor modelo", como é tratado o receptor em seus argumentos. Em suas palavras,

Para organizar sua estratégia textual, um autor deve se referir a uma gama de competências [...] que são capazes de dar conteúdo às expressões que ele utiliza. Ele deve assumir que o conjunto de competências a que se refere é o mesmo a que os leitores se referem, prevendo, assim, um Leitor Modelo capaz de cooperar com a atualização textual da maneira prevista pelo autor, e de mover-se interpretativamente, assim como ele se moveu, em geral (ECO, 1979).

Ele completa, dizendo que "um texto postula seu destinatário como condição indispensável não só de sua capacidade comunicativa concreta como também do próprio potencial significativo" (IBID., 1979).

Concordante à questão central, Gutt faz uma oportuna menção ao princípio da equivalente frequência de uso, tratado inicialmente por Newmark (1988). O conceito pode ser aplicado à luz da teoria da relevância, onde então se passa a perceber a imagem do receptor ideal, que interpreta o conteúdo removendo-o de seu contexto original, através de um processo de despragmatização e repragmatização. Ainda em *Translation as interlingual interpretive use*, percebe-se o autor como intérprete da obra e, para tal, necessita de maior controle sobre a gramática, visando o leitor ideal. Há que se ressaltar o fato de Gutt não usar o termo "leitor" ou se o fizesse, seria nos moldes da estética da recepção, bem como em Eco. Gutt (2000) trata da relevância ótima e como o menor esforço interpretativo do receptor implica em uma recepção mais próxima do que se tem como adequadamente relevante e, a partir da comunicação ideal, pressupõe-se um leitor ideal.

Blum-Kulka (2000) também trabalha o conceito de "ideal reader" ou leitor ideal, e como isso pode ou não acarretar alterações de coerência por parte do receptor; ao

passo que Mason diz que o tradutor ideal deve se preocupar com aspectos sociais e implicações políticas que envolvem o texto alvo, isto é, o produto da tradução.

Esta questão também é trabalhada por Spivak em seu ensaio *The politics of translation*: nele se sustenta que o tradutor deve adquirir o direito de ser o leitor íntimo de um texto, se rendendo a ele, para que sua literalidade possa ser então repragmatizada em uma nova língua, e, com isso, alcançando o que ela define como a tradução feita pelo tradutor ideal. Para tanto, de acordo com Spivak (2000), o tradutor deve fazer com que o texto revele os limites de sua língua. Extrínseco à reflexão fundamental, ainda, ela discorre sobre como a tradução pode ser direcionada de forma a se tornar uma marginalização do texto original. Ao repousar o texto traduzido sob a ógide do eixo etnocêntrico imperialista, Spivak (IBID.) postula que se está criando, na realidade, nada que não uma sombra do original, cujo anteparo representa a lei da maioria. Ademais, tem-se, ainda em Spivak (IBID., p. 404), que o tradutor ã deve ser capaz de perceber que o que pode parecer resistência no ambiente do inglês pode ser reacionário no ambiente da língua original.

A partir da compilação de definições de cada autor, depreende-se, [1] que a tradução depende do leitor para sua construção de sentido; e [2] que a tradução depende do leitor ideal para a construção de seu sentido mais adequado. Conclui-se, desse modo, que o tradutor está mais próximo de ser um leitor ideal, enquanto descreve órbita em seu próprio universo contextual cognitivo.

A PREDETERMINAÇÃO DE ESCOLHAS NA TRADUÇÃO

As escolhas permeiam um trabalho de tradução. É pertinente ressaltar, no entanto, que, quanto mais se categoriza, menos pré-determinadas e mais subjetivas são essas escolhas. *Exempli gratia*, escolhas estilísticas têm um menor grau de predeterminação na mesma proporção em que escolhas lexicais têm um maior grau de predeterminação, ao passo que escolhas gramaticais não se encaixam plenamente na definição de escolha.

Para Gutt (2000, p. 377), ãa interpretação pretendida da tradução deve ser semelhante à original [...] em aspectos que a tornem adequadamente relevante ao público ó isto é, que ofereçam efeitos contextuais adequados. Ele completa dizendo que a tradução deve ser expressa de forma a dar preferência à interpretação pretendida, sem proporcionar ao público um esforço de processamento desnecessário. A partir destas observações, inevitavelmente se chega ao conceito de escolha, tratado anteriormente. Por outro lado, na medida em que Mason (2004) discorre sobre a interpretatividade na tradução, e como ela não pode ser vista de maneira absoluta, ele assume que a predeterminação de escolhas na prática tradutória se dá de forma veemente.

A mesma fundamentação usada para discutir a visão de Mason pode ser aplicada a Blum-Kulka, para se atingir, porém, resultado inverso. Ela procede de modo a relacionar a interpretatividade à busca pela coerência, e define essa relação como

princípio geral do processo interpretativo. Em *Shifts of cohesion and coherence in translation*, ela argumenta que o processo de interpretação realizado pelo tradutor no texto fonte pode levar a um texto alvo que é mais redundante que o texto original (2000, p. 300).

Destarte, estendendo-se o conceito à Eco (2008, p. 8), percebe-se uma estética da infinita interpretabilidade dos textos [...] que se concilia com uma semiótica da dependência da interpretação relativamente à intenção do autor. Ele completa, pontuando sobre a existência de uma semiótica da interpretação textual unívoca, e como ela recorre, de preferência, a um direito da intenção da obra.

Concomitantemente, Keith Harvey, ao tratar de identidade e transferência cultural associados à tradução, transporta a discussão ao próximo nível, ainda que de forma paralela: torna-se perceptível, a partir de inferências realizadas ao longo de seu ensaio, uma congruência entre os pontos tratados nessa seção e como eles corroboram a tese de que a identidade do tradutor define o estilo do texto traduzido. No que tange a questão da transferência cultural, Harvey (2000, p. 460) postula que, ao se traduzir determinado texto, o tradutor (inevitavelmente, pode-se dizer) [produz] um texto que harmoniza com a visão prevalente da subjetividade humana, que é obtida através de sua cultura ou a cultura alvo. Isso pode ser complementado pelo mesmo Harvey, ao pressupor que a dimensão microfuncional de avaliação em um dado texto fonte pode ser indiscutivelmente perceptível a um tradutor (IBID., p. 447).

Partindo de um viés inverso, Solange Mittmann, em seu ensaio **Autoria e tradução: da dispersão às identificações**, discute a figura do tradutor sob uma ótica autoral ou, ainda, o lugar que o tradutor ocupa na reflexão sobre a produção. De acordo com a autora,

a perspectiva de um sentido localizado no autor e em sua história tem acompanhado o percurso de um imaginário tradicional e bastante presente sobre a tradução: o de uma transfusão de sentido de uma materialidade para outra, ou seja, o sentido presente no pensamento do autor é transparente e evidente e seria passível de ser transferido para o leitor da tradução da mesma forma que para o leitor original (2008, p. 87).

Tal suposição dá origem ao imaginário da traição e tudo aquilo que pode ser depreendido do conceito de inferioridade, de perda quando do processo tradutório. Mittmann ainda atesta contra a noção de que a língua de chegada não comporta no novo texto os sentidos da língua de origem.

Sabe-se, no entanto, que, através da prática tradutória, o tradutor não está simplesmente interpretando um texto na língua original, em seguida produzindo um texto correspondente na língua alvo. Além, se busca observar uma cláusula de fidelidade, proposta por Charaudeau em *L'identité culturelle entre soi et l'autre*, que garante uma relação de equivalência semântica, pragmática e sociocultural entre o texto traduzido e seu original. Destarte, conclui-se que as circunstâncias de produção do texto

na língua de tradução, por exemplo, injunções sócio-histórico-culturais distintas, conduzem o tradutor a procurar adequar seu trabalho ao público-alvo, ainda que se busque obedecer ao máximo a essa cláusula de fidelidade (CORREA, 2003).

Nessa perspectiva, Carvalhal (2003, p. 227), levando em conta o contexto metacomunicacional da tradução proposto por Zepetnek (1998), argumenta, ainda, que o [o texto traduzido] deve ser a concretização de uma das possibilidades que aquele determinado texto tinha de ser. Poderíamos dizer, então, que cada texto traz em si as suas possíveis traduções. Ainda, segundo Corrêa (2003), o contrato tradutório condiciona de tal modo o texto traduzido ao texto na língua de origem que o leitor-sujeito interpretante tem a ilusão de estar diante de uma cópia do original, só que em língua distinta.

Levando-se em conta estas asserções, é de natural sequência se chegar à conclusão de que haverá traduções mais ou menos interpretáveis, e outras mais ou menos mecanizadas, variando de acordo com o gênero do original, dentre outros fatores de menor grau.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um ponto importante a ser tocado, dentre vários, em se tratando das questões abordadas nesse ensaio, é a função social do texto. A tradução de um texto sensível, por exemplo, requer maior perspicácia por parte do tradutor, ao passo que um texto técnico pode ser regramatizado, grosso modo, sem maiores preocupações, enquanto parte do campo hábil do tradutor. Ademais, à luz de um referencial teórico fundamentado nas premissas da literatura comparada, é relevante se levar em conta os argumentos de Venuti (2002, p. 116), que coloca:

A autoria não é individualista, mas coletiva: a forma do trabalho não se origina simplesmente com o autor como seu estilo e expressões próprios, mas é de fato uma colaboração com um grupo social específico, na qual o autor leva em consideração os valores culturais característicos daquele grupo.

Da mesma forma que a argumentação de Venuti pode ser aplicada à prática tradutória, percebe-se a existência de um contínuo, onde a interpretabilidade e questão do gênero textual, abordadas anteriormente, mantêm relação de comensalismo.

Por fim, estabelece-se que a atividade tradutória ainda segue como pauta de inúmeras discussões. Não obstante o e decorrente de o, retoma-se (e se estende) a definição de tradutor ideal proposta por Mason (2004): ao se equacionar teorias, conceitos e opiniões, o real denominador comum é a exata medida entre o modo como ele, o tradutor, recebe o texto fonte e sua liberdade interpretativa. O resultado não é outro senão o mencionado produto da tradução.

THE IDEAL TRANSLATOR

ABSTRACT

*The art of translation, moving away from its legacy, continues refusing to liberate itself from the stigma under which it still lies; while the discussion regarding originality and the practice of translation keeps generating many controversies, inevitably leading to the low visibility of the translator. Based on these considerations, this paper presents, by means of comparing some essays published in *The translation studies reader*, by Lawrence Venuti, the introduction of the notion of *õideal translator*,õ which is an amalgam generated in light of Umberto Eco's *õmodel reader*,õ Shoshana Blum-Kulka's *õideal reader*õ and Ernst-August Gutt's *õideal receptor*.õ Thus, in order to problematize the relation between authorship and translation, this work organizes a systemic study based on the comparison of essays and the development of the notion, followed by its conclusions regarding the subject.*

Keywords: *Translation studies; Model reader; authorship and interpretation; Ideal translator.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLUM-KULKA, Shoshana. Shifts of cohesion and coherence in translation, 1986. In: VENUTI, Lawrence. (Org.). **The translation studies reader**. Londres; Nova York: Routledge, 2000, pp. 298-313.

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARVALHAL, Tânia F. Tradução e recepção na prática comparatista. In: **O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003, pp. 217-259.

CHARAUDEAU, Patrick. **L'identité culturelle entre soi et l'autre**. Disponível em <www.patrick-charaudeau.com>, acesso em 28/01/2014.

CORRÊA, Ângela M. S. Uma abordagem comunicativa da tradução. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida L.; GAVAZZI, Sigríd (Org.). **Texto e discurso: mídia, literatura e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

DRYDEN, John. On translation. In: SCHULTE, Rainer; BIGUENET, John (Org.). **Theories of translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992, pp. 17-31.

ECO, Umberto. **Lector in Fabula: la cooperazione interpretativa nei testi narrativi**. Milão: Bompiani, 1979.

_____. **Quase a mesma coisa**. Tr.: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **Os limites da interpretação**. Tr.: Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GUTT, Ernst-August. Translation as interlingual interpretive use, 1991. In: VENUTI, Lawrence. (Org.). **The translation studies reader**. Londres; Nova York: Routledge, 2000, pp. 376-395.

HARVEY, Keith. Translating camp talk: gay identities and cultural transfer, 1998. In: VENUTI, Lawrence. (Org.). **The translation studies reader**. Londres; Nova York: Routledge, 2004, pp. 446-467.

HEYLEN, Romy. *Translation, poetics and the stage: six french hamlets*. Londres; Nova York: Routledge, 1993.

MASON, Ian. Text parameters in translation: transitivity and institutional cultures, 2003. In: VENUTI, Lawrence. (Org.). **The translation studies reader**. Londres; Nova York: Routledge, 2004, pp. 470-481.

MITTMANN, Solange. Autoria e tradução: da dispersão às identificações. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília A. (Org.). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

NEWMARK, Peter. **A textbook of translation**. Hempel Hempstead: Prentice Hall, 1988.

SPIVAK, Gayatri C. The politics of translation, 1992. In: VENUTI, Lawrence. (org.). **The translation studies reader**. Londres; Nova York: Routledge, 2000, pp. 397-416.

VENUTI, Lawrence. **Rethinking Translation**. Londres: Routledge, 1992.

ZEPETNEK, Steven T. The study of translation and Comparative Literature. In: **Comparative literature: theory, method, application**. Amsterdam; Atlanta: Rodopi B.V., 1998, pp. 215-248.

